

Violência Sexual contra meninos:



o que este fenômeno revela sobre a construção da masculinidade?

Há poucos meses, em entrevista à Revista Veja, o humorista Marcelo Adnet tornou público que foi abusado sexualmente na infância por duas pessoas próximas a sua família¹.

Os abusos ocorreram quando ele tinha 7 e 11 anos. Um mês antes daquela entrevista, o apresentador Ronnie Von, já havia revelado ter sido vítima do mesmo tipo de crime, mas em seu caso, praticado por uma mulher 30 anos mais velha². Voltaremos a esse detalhe mais tarde.

Assim como Adnet e Ronnie Von, a maioria dos homens que foram vítimas de violência sexual na infância ou na adolescência manteve o silêncio por anos ou décadas porque não tiveram qualquer instrução, apoio ou recursos emocionais para lidar com este problema. Tantos outros nunca tocaram no assunto, seja pela vergonha e por receio de serem estigmatizados, como veremos adiante.

Desde que pesquisas, investigações científicas e relatórios sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes começaram a ser produzidos e publicados em maior escala nas últimas décadas por instituições e governos de todo o mundo, confirmou-se que, em números percentuais e absolutos, as maiores vítimas desse tipo de crime são meninas³. Dados do Ministério da Saúde confirmam que no Brasil, entre 2011 e 2017, 74,2% das crianças vítimas de violência sexual eram do sexo feminino e 25,8% do sexo masculino⁴.



No entanto, a predominância de vítimas de abuso sexual do sexo feminino de modo algum deve ofuscar a gravidade da mesma violência cometida contra os meninos. Estudos pelo mundo, por exemplo, revelam que, enquanto 1 em cada 4 meninas experimentou algum tipo de violência sexual antes dos 18 anos, ao menos 1 em cada 6 meninos e adolescentes sofreram com o mesmo problema⁵. Estimativas mais conservadoras apontam que esse índice seria a metade, em torno de 8%, (1 em cada 12), mas esse foi o menor encontrado⁶. Essa diferença se deve não somente à diversidade dos contextos sociais investigados, mas também à enorme subnotificação, bastante comum quando se trata de abuso sexual de meninos.

Antes, porém, de discutir as características específicas que envolvem o abuso sexual de meninos, é preciso fazer uma advertência: os comparativos entre os dados referentes à população masculina e feminina afetada pelo abuso sexual não podem ser usados, sob qualquer hipótese, para reforçar discursos reacionários que pretendem minimizar a violência cometida contra as mulheres, pois todos sabemos que eles existem e são recorrentes! É importante sempre ressaltar que, apesar das peculiaridades e diferenças, o abuso sexual contra meninas e meninos é prejudicial a ambos e deve ser prevenido e enfrentado. Portanto, não se trata de uma disputa de narrativas e interpretações para saber

quem sofre mais ou menos. A intenção primordial em discutir especificamente sobre o abuso sexual de meninos é jogar alguma luz naquilo que é característico deste problema⁷. Deste modo, teremos melhores condições de proteger tanto meninos quanto meninas, e contribuir para reduzir o impacto e as consequências dos traumas no futuro, dentre as quais a possibilidade de reproduzir a violência sofrida.

Um dos maiores entraves para que se aponte a real extensão (ou ao menos uma aproximação mais segura) do problema no Brasil é exatamente a escassez de registros e pesquisas sobre a realidade dos meninos – o que não se justifica, uma vez que a diferença na proporção entre meninos e meninas vítimas de violência não é tão distante como se imagina.

Por exemplo, ao comparar os dados obtidos através de registros de locais de atendimento às vítimas (nos quais a notificação é obrigatória) e pesquisas em outros ambientes, como o escolar (sem a identificação dos participantes), pesquisadores observaram que os resultados obtidos neste último contexto apontam uma diferença menor entre as vítimas do sexo feminino e masculino⁸. Diante disso, cabe então perguntar-nos por que há mais pesquisas e notícias sobre a vitimização feminina do que a masculina e, sobretudo, sobre a relação entre o abuso sexual de meninos e o papel da construção da masculinidade nesse problema.

Uma das razões para essa diferença é a vergonha e a estigmatização a qual os meninos estão sujeitos, como serem taxados de homossexuais por seus pares ou familiares – quando abusados sexualmente por um homem –, ou fracos – quando abusados por uma mulher.

Um estudo demonstrou que apenas 16% dos homens adultos **com histórico documentado de abuso sexual na infância** se consideravam vítimas, em comparação com 64% das mulheres com o mesmo histórico⁹. Em alguns casos, pressionados por valores culturais rígidos sobre masculinidade, os próprios pais preferem que os abusos sexuais sofridos pelos filhos homens sejam registrados como violência física, o que torna ainda mais difícil o reconhecimento da dimensão do problema, e consequentemente, a tomada de decisão sobre a intervenção mais apropriada.

É como se os tabus sexuais fossem representados por uma boneca russa, e o abuso sexual de meninos fosse uma das menores peças: sabemos que existe, mas para vê-la vamos precisar remover todas as demais camadas que a escondem.

A exemplo do que aconteceu com Marcelo Adnet e Ronnie Von, homens vítimas de violência sexual podem carregar por toda a vida as marcas, os registros, e as memórias do trauma¹⁰. E embora muitos deles tenham conseguido se recuperar e aprendido a lidar relativamente bem com isso, as origens de suas fraturas psicológicas, como vimos, raramente são reconhecidas.

Apesar da percepção imediata dos danos causados pelos abusos que sofreram, as revelações de Adnet e Ronnie Von são sintomáticas nesse sentido. O primeiro afirmou que na primeira vez que foi abusado sexualmente sentiu uma dor imensa, mas *“nem sabia o que era sexo”*. O segundo disse que *“foi um horror”*, que *“não sabia o que estava acontecendo... não entendia absolutamente nada”* e por isso *“não soube como reagir”*.

Um dos fatores que mais contribuem para a vulnerabilidade das crianças é justamente a falta de informações adequadas sobre sexualidade, que devem incluir desde o conhecimento do corpo, autovalorização, conhecimento sobre seus direitos sexuais, conhecimento sobre a existência da violência sexual e estratégias de autoproteção.

Ao não terem acesso a essas informações, vítimas ficam confusas, indefesas, e podem ser facilmente manipuladas por adultos que tenham intenções sexualmente abusivas. É inconcebível que uma criança de 7 ou 11 anos de idade – época dos abusos sofridos por Adnet e Ronnie Von – não tenha recebido qualquer informação sobre sexualidade que a deixe mais protegida. No caso dos meninos, informações e ideias deturpadas sobre sexualidade – como o que é ser um “homem de verdade” e as implicações disso para sua relação com os outros, em particular com as meninas – prejudicam ainda mais seu desenvolvimento, inclusive deixando-os mais vulneráveis ao abuso sexual.

Outro aspecto típico desse tipo de violência são as ameaças recebidas caso a vítima decida revelar o abuso. Além do trauma da violência em si, o silêncio imposto por autores de violência sexual são fatores determinantes para causar dúvidas, medo e insegurança nas vítimas, levando-as a crer que não poderão fazer nada para sair daquela situação ou ainda acreditar que são culpadas pelo que aconteceu. É justamente quando a criança vítima de abuso sexual é induzida a acreditar na impossibilidade de ser ajudada por alguém que ela se cala, sofrendo sozinha durante anos até conseguir revelar sua dor.

Assim foi com Adnet, que guardou sua história por 20 anos. Somente após um longo período de terapia ele conseguiu compreender e aceitar que não foi responsável pelos abusos que sofreu, e quem deveria ficar constrangido eram os homens que o violentaram.

Quando um menino aprende que tem que ser forte sob qualquer circunstância, que não pode demonstrar fraqueza, que tem que aprender a se virar sozinho, e que não pode ser sensível (sob o risco de ter sua identidade de gênero questionada), ao se deparar com situações de violência, sobretudo sexual, o caminho mais imediato é esconder o trauma, sofrer calado ou fingir que não aconteceu. Como revelou Ronnie Von, 64 anos após o ocorrido, *“fiquei bastante perdido. Eu tive que me fechar, me trancar”*.

Para muitas vítimas, as consequências do silêncio e da falta de tratamento do trauma podem ser tão ou mais graves que o próprio abuso. Uma das formas mais eficazes de enfraquecer um menino é colocar sobre seus frágeis ombros o peso de uma masculinidade auto-suficiente, que não depende de nada ou ninguém.

As dificuldades em reconhecer a gravidade das experiências violentas vividas por homens se manifestam também pela falta de empatia com as vítimas, que vai desde a minimização do trauma (afinal, se trata de homens, que supostamente deveriam suportar a dor e seguir em frente), até a confusão da violência enquanto tal como um suposto *privilegio*.

Em relação a primeira dificuldade, quando os casos de Adnet e Ronnie Von vieram à tona, evidenciaram também a influência perversa que masculinidades violentas exercem sobre os homens. Enquanto Adnet – abusado sexualmente por dois homens – foi atacado nas redes sociais, acusado de querer chamar a atenção, identificado como homossexual (com termos chulos e conotação pejorativa, obviamente), e até mesmo de ter “gostado” do abuso que sofreu, Ronnie Von – violentado por uma mulher – recebeu vários elogios de homens que disseram invejar a experiência vivida por ele. Ambas manifestações são extremamente nocivas e só pioram a condição das vítimas.

No que diz respeito à subversão da percepção da violência, isso se dá principalmente quando meninos ou adolescentes são iniciados sexualmente por uma mulher mais velha, como ocorreu com Ronnie Von. Em situações como essas, crenças culturais sobre masculinidade impedem que os meninos sequer se reconheçam como vítimas; pelo contrário, são induzidos a acreditar que foram agraciados pelo destino, podendo então contar vantagens sobre os demais meninos.

Quantas vezes não ouvimos comentários de homens que, ao reagirem a uma notícia sobre o abuso sexual de um menino por uma mulher adulta, dizem sem qualquer pudor que gostariam de ter tido a mesma “sorte”? É com base nessas mesmas crenças que há pais que ainda hoje levam seus filhos homens a prostíbulos para perderem a virgindade com uma mulher. Não podemos nos esquecer que esse “ritual de iniciação” tem como uma de suas motivações o receio dos pais em ter um filho homossexual.

A subversão do reconhecimento de uma *violência* como um *privilegio*, além das experiências pós-traumáticas, estimula a naturalização de uma atrocidade e fortalece a construção de uma masculinidade fundada na concorrência, no desempenho e na performance sexual, e no imaginário perverso de que, mesmo meninos podem fazer uso sexual do corpo de uma mulher. Do ponto de vista da representação, isso tem um peso muito grande na elaboração simbólica que esses meninos farão em relação às mulheres com as quais eles vão se relacionar no futuro. ***De diversas formas, e por muitos caminhos, os homens aprendem desde cedo que têm que “colonizar” o corpo feminino.*** A violência sexual sofrida na infância é

uma dessas formas.

Tudo isso confirma a tese de que a violência é, de fato, parte de um processo histórico e cultural, não determinado, portanto, pela biologia. É verdade que há indivíduos que apresentam uma condição bioquímica em seus cérebros que pode, em certa medida, influenciá-los a cometer atos violentos. No entanto, são sobretudo as ideias, as crenças, as formas como nos relacionamos e nos organizamos socialmente que produzem comportamentos e sistemas violentos¹¹. Nesse sentido, será sempre possível rever essas ideias, crenças e sistemas, de modo que alternativas não-violentas sejam propostas e implementadas.

Por fim, seguem algumas reflexões¹² que podem contribuir para a discussão e, sobretudo, para propor caminhos que ajudem os meninos, vítimas ou não de abuso sexual, a se reconhecerem como pessoas dignas, sujeitos de direitos, merecedoras de cuidado e proteção.

- Homens e meninos também são suscetíveis à violência sexual, e isto não tem nenhuma relação com sua masculinidade (tornar-se “menos homem” por isso);
- Ainda que um menino tenha sentido prazer ou ficado excitado durante o abuso que sofreu, isso não significa que ele quis, provocou ou consentiu com aquela situação;
- Mesmo que, por qualquer motivo (curiosidade, sedução, coerção, etc.) um menino tenha consentido em algum tipo de interação sexual com um adolescente mais velho ou um adulto, ele não tem responsabilidade ou culpa por isso, pois a responsabilidade de evitar o abuso é sempre dos adultos;
- Apesar de algumas peculiaridades e diferenças, o abuso sexual contra meninas e meninos é igualmente prejudicial a ambos e deve ser prevenido e enfrentado;
- Meninos podem ser abusados sexualmente tanto por homens quanto por mulheres, sejam estes heterossexuais ou homossexuais, pois o abuso sexual não está relacionado à orientação sexual da pessoa que abusa.
- A orientação sexual de um menino não é o motivo nem o resultado de um abuso sexual que ele eventualmente possa vivenciar, pois a origem das intenções de autores de violência sexual não se concentra especificamente na orientação sexual de suas vítimas;
- Mulheres e adolescentes do sexo feminino também podem abusar sexualmente de meninos, e eles não são “privilegiados” por isso, mas vítimas de um crime.
- Felizmente, a maioria dos meninos vítimas de abuso sexual não se tornarão autores desse tipo de violência, seja contra mulheres, meninas ou outros meninos.

Por **Alexandre Gonçalves**

Educador Social e Capacitador do Claves Brasil (programa de prevenção das violências contra crianças e adolescentes), Pastor da Igreja da Irmandade e facilitador do Eles & Eles (espaço de acolhida, diálogo e revisão de paradigmas sobre masculinidades).

NOTAS

1. Revista Veja, Páginas Amarelas.

2. www.metropoles.com/entretenimento/ronnie-von-revela-ter-sido-alvo-de-abuso-sexual
3. World Health Organization. *Global Plan of Action to strengthen the role of the health system within a national multisectoral response to address interpersonal violence, in particular against women and girls, and against children, 2016*. Segundo a OMS, a violência sexual é justamente uma das formas mais comuns de violência vivida por mulheres e meninas em todo o mundo.
4. Ministério da Saúde, *Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017*, Boletim Epidemiológico [Volume 49 | Jun. 2018]. O levantamento foi feito através das notificações registradas pelo Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes, do Ministério da Saúde.
5. Sanderson, Christiane. *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia*. São Paulo: M. Books do Brasil. 2005. Ver também Dube, Shanta & Anda, Robert & Whitfield, Charles & Brown, David & Felitti, Vincent & Dong, Maxia & Giles, Wayne. (2005). *Long-Term Consequences of Childhood Sexual Abuse by Gender of Victim*. American Journal of Preventive Medicine [N. 28, pgs. 430-8, 10.1016], e Briere, J. & Elliot, D.M. (2003). *Prevalence and psychological sequelae of self-reported childhood physical and sexual abuse in a general population sample of men and women* [Child Abuse & Neglect, 27, 1205-1222].
6. Singh, Mannat M., Shradha S. Parsekar, e Sreekumaran N. Nair. *An Epidemiological Overview of Child Sexual Abuse*. Journal of Family Medicine and Primary Care [2014 Oct-Dec; 3(4): 430-435]. Para termos uma ideia sobre as disparidades entre diferentes regiões do mundo, este estudo demonstra que, enquanto nos EUA o índice de violência sexual contra meninos foi de 7,9%, na África do Sul foi de 34,4%. Na Índia, por exemplo, há estudos indicando que os meninos representam 56% das vítimas de diversos tipos de violência sexual (assédio, estupro, exibicionismo, produção ou exposição à pornografia), enquanto as mulheres, 43%. *Study on Child Abuse: India 2007*. India, Ministry of Women and Child development Government of India. 2007. [Last cited on 2014 Aug 09].
7. Não podemos nos esquecer de que, com relação a autoria desse time de crime, 82% eram homens. Quanto à violência sexual cometida exclusivamente contra meninos no Brasil, o índice é ainda maior, 83,7% (Ministério da Saúde, *Ibid*). Dentre outras coisas, esses dados mostram uma inconveniente verdade àqueles que insistem em considerar qualquer exposição da violência praticada por homens como exagero de um discurso feminista radical ou como *androfobia*: homens são, ao mesmo tempo, os maiores algozes e as maiores vítimas da violência, exceto quando se trata de violência sexual, embora a diferença não seja tão grande.
8. Hohendorff, Jean Von, Luísa F. Habigzang, Silvia H. Koller. *Violência Sexual Contra Meninos: Dados Epidemiológicos, Características E Consequências*. Psicologia USP, São Paulo, 2012, 23(2), 395-415.
9. Widom, C.S. & Morris, S. *Accuracy of adult recollections of childhood victimization part 2. Childhood Sexual Abuse, Psychological Assessment* [9, 34-46, 1997].
10. Kolk, Bessel van der, *The Body Keeps the Score; Brain, Mind, and Body in the Healing of Trauma*. New York, NY: Viking Press; 2014. O psiquiatra e especialista em estresse pós-traumático Bessel van der Kolk afirma que experiências traumáticas na infância podem mudar a estrutura física de nosso cérebro, ao ponto de “configurá-lo” para sentir constantemente medo e perigo. Quando esse estado permanente de alerta é ativado nas crianças, sobretudo pelas experiências de violência, elas são expostas a um alto nível de estresse, podendo causar impactos a longo prazo, como dificuldades de controlar a raiva, abuso de substâncias, tendências suicidas, problemas de interação social, e até envolvimento em atividades criminosas. Se por um lado não podemos afirmar todos os homens que sofreram algum tipo de violência na infância se tornarão autores de violência enquanto adultos, a literatura científica mostra que é frequente o relato de vitimização na infância por homens que cometeram ou cometem atos violentos na vida adulta, não necessariamente de ordem sexual. De um modo ou de outro, eventos traumáticos sempre afetarão as vítimas. Ver também Glasser, M., Kolvin, I., Campbell, D., Glasser, A., Leitch, I., & Farrelly, S. (2001). *Cycle of child sexual abuse: Links between being a victim and becoming a perpetrator*. British Journal of Psychiatry [179(06), 482-494].
11. Nas décadas de 1960 e 1970, através de um controverso experimento social, os cientistas Stanley Milgram e Philip Zimbardo procuraram demonstrar que a maioria de nós, consideradas pessoas “comuns”, em algum momento de nossas vidas e sob determinadas circunstâncias, seríamos capazes de, voluntariamente, fazer mal a pessoas inocentes. Em ambos os experimentos, fatores sociais como aprendizado e obediência a regras pré-estabelecidas pelo entorno dos indivíduos foram determinantes para a eclosão da violência. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46417388>.
12. Adaptado de *“The 1 in 6 Statistic”*.